



## CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

**“O que vimos e ouvimos,  
nós vo-lo anunciamos” (1Jo 1,3a)**

### **CARTA AOS PRESBÍTEROS**

#### **APRESENTAÇÃO**

O tema central da 42ª Assembléia Geral da CNBB, de 2004, foi: *Vida e Ministério dos Presbíteros*. No afã de concretizar a “nova evangelização”, era muito oportuno que os bispos dedicassem boa parte das reflexões da Assembléia àqueles que dividem com eles as principais responsabilidades na evangelização e na vida da Igreja.

O papa João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores Gregis*, recordou que os presbíteros devem receber um “afeto privilegiado” do bispo, não somente porque entre ele e seus presbíteros existe uma verdadeira comunhão sacramental, em virtude da comum participação no único sacerdócio de Cristo, mas também porque os presbíteros são os principais e mais íntimos colaboradores no seu ministério (cf. n. 47)<sup>1</sup>. Mais de uma vez foi lembrado que a vida da Igreja depende, em grande parte, do trabalho dedicado e generoso dos presbíteros.

Desde o início da Assembléia ficou claro que não se pretendia chegar a um documento final longo sobre o tema, nem apresentar uma reflexão exaustiva sobre a teologia do presbiterato. O Decreto *Presbyterorum Ordinis*, do Concílio Vaticano II, já havia sido dedicado à vida e ao ministério dos presbíteros e seus ensinamentos e orientações continuam muito importantes e atuais.

Os trabalhos da 42ª Assembléia Geral da CNBB, sobre o tema central, resultaram na “Carta aos Presbíteros” dirigida a todos os presbíteros do Brasil. O título – “O que vimos e ouvimos, nós vo-lo anunciamos” (1Jo 1,3a) – retoma o lema do 10º Encontro Nacional de Presbíteros, realizado em fevereiro de 2004, em Itaici. Os bispos levaram em conta as reflexões já feitas pelos presbíteros.

Trata-se de um documento pastoral saído do coração dos bispos e dirigido ao coração dos presbíteros. Na linha das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006), os bispos falam das questões relativas à pessoa do presbítero, às suas relações com a comunidade e também com a grande sociedade; uma palavra especial é reservada aos presbíteros idosos e enfermos.

Algumas questões mereceram especial atenção: a referência necessária do sacerdote à pessoa de Jesus Cristo, do qual o presbítero precisa aprender sempre de novo as atitudes que devem nortear sua vida e sua missão; o cultivo da mística evangélica, da dimensão missionária e profética do ministério ordenado e da fraternidade presbiteral; o exercício das virtudes humanas e cristãs, a formação permanente, o justo descanso e a disciplina nas ocupações e atividades apostólicas. Os bispos também dizem uma palavra orientadora sobre algumas situações problemáticas que podem atingir a vida dos presbíteros.

Faço votos que este documento, breve mas denso, possa fazer bem aos presbíteros do Brasil e sustentar seu ânimo apostólico, renovando neles a certeza de que seu ministério

tem enorme importância para a nova evangelização e a vitalidade das comunidades eclesiais.

*Dom Odilo Pedro Scherer*  
Secretário-geral da CNBB

## **INTRODUÇÃO**

Queridos irmãos presbíteros,

1. Nós, bispos do Brasil, reunidos na 42ª Assembléia Geral, dedicamos tempo especial ao tema central: *Vida e Ministério dos Presbíteros*.

2. Vocês estiveram presentes em nossas orações e reflexões desses dias. Deus os consagrou, pela imposição de nossas mãos, como necessários colaboradores da ordem episcopal. Pedimos ao Pai que, na comunhão que marca o ministério ordenado, possamos – bispos e presbíteros – assumir co-responsavelmente a missão evangelizadora em cada Igreja Particular. Agradecemos a Deus pela vida e vocação de cada um de vocês (cf. Fl 1,3)<sup>2</sup>.

3. Em consonância com as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* e com o Projeto Nacional de Evangelização *Queremos Ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida*, apresentamos a riqueza desses dias, destacando o presbítero como pessoa, como membro do presbitério com seu bispo; no relacionamento de pessoas e comunidades e, também, sua presença e missão na sociedade. O encontro entre o Mestre e o discípulo, ao qual entregou as chaves do Reino dos Céus (cf. Mt 16,19)<sup>3</sup>, serve como itinerário desta carta.

### **I. O PRESBÍTERO: SUA PESSOA**

“Pedro, tu me amas mais do que estes?  
Apascenta meus cordeiros” (cf. Jo 21,15)

4. O presbítero, antes de tudo pessoa humana, pelo batismo, filho de Deus, é chamado a viver em santidade, no amor incondicional a Jesus Cristo. A pergunta direta e, ao mesmo tempo, carinhosa de Nosso Senhor a seu discípulo indica que amar a ele é condição primeira para ser pastor de seu rebanho, a começar por Pedro. Por isso, como pastores, amem o Cristo e o povo que lhes foi confiado, e vocês nos darão profunda alegria por aquilo que são e significam em nossas Igrejas Particulares.

5. Por causa da profunda fé, amor e esperança que têm por Jesus Cristo, referência absoluta para a compreensão do mistério e ministério sacerdotais, vocês são capazes de cuidar com carinho da parcela do povo de Deus que lhes foi confiada. É pela entrega sem reservas ao seguimento de Jesus que se entende a dedicação de vocês no exercício do ministério. Isso é possível não por mera decisão própria. O chamamento decorre do laço indissociável entre a graça divina do chamado e a responsabilidade humana na resposta. O primado absoluto da graça da própria vocação do presbiterado emerge, na sua totalidade, quando vivido na intimidade maior com Deus Uno e Trino. Aí o presbítero vivencia, mais profundamente, a palavra de Jesus: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos estabeleci para que vades e deis frutos e o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16).

“Eu vos disse isso, para que minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15,11)

6. Alegria-nos perceber que a caridade pastoral é o eixo integrador de suas vidas como presbíteros. Temos, ante nossos olhos, inúmeros testemunhos de presbíteros incansáveis e até mesmo sobrecarregados no exercício do ministério. Preocupa-nos, no entanto, quando vocês, no afã de se dedicarem com mais afinco ao seu ministério, não percebem

que, muitas vezes, o excesso de trabalho pode transformá-los em pessoas estressadas, de difícil relacionamento com o povo e fechadas às oportunidades de convívio com seus irmãos presbíteros. Não raras vezes, o ativismo tem-se revelado como fuga, por um lado, e por outro, como obstáculo para um mergulho no mistério do Cristo, na assimilação das virtudes cristãs, numa maior atenção aos “sinais dos tempos” e aos apelos de Deus que nascem das mudanças na história; obstáculo também para o cultivo de profunda espiritualidade, que exige uma vida mais dedicada à oração contemplativa, característica do pastor.

7. É para nós um fato edificante e até questionador a condição de pobreza real que muitos de vocês abraçam por causa de Cristo e do Evangelho. Vivendo em comunidades das periferias urbanas e em regiões isoladas do interior, partilham as dolorosas carências da população empobrecida e marginalizada. Esse estilo de vida despojado, simples e austero torna-se testemunho e autêntica expressão da evangélica opção pelos pobres, dimensão essencial da identidade dos seguidores de Jesus.

8. Muito nos alegramos ao constatar o empenho de vocês para testemunhar, com convicção, a fidelidade ao espírito dos conselhos evangélicos, no seguimento de Jesus pobre, obediente e célibe, sabedores que carregam, como nós, tesouros em vasos de barro (cf. 2Cor 4,7)<sup>4</sup>. Isso porque cresce a consciência, como nos alerta o papa João Paulo II, de que “o carisma do celibato, mesmo quando é autêntico e provado, deixa intactas as tendências da afetividade e as excitações do instinto”. Daí que, “em vista do compromisso celibatário, a maturidade afetiva deve saber incluir, no âmbito das relações humanas de serena amizade e de profunda fraternidade, um grande amor vivo e pessoal a Jesus Cristo” (PDV 44)<sup>5</sup>. Há, porém, uma unidade indissolúvel entre os três conselhos evangélicos, de forma que a vivência autêntica de um enriquece o outro, propiciando um seguimento mais pleno.

9. Louvamos a Deus também pela crescente dedicação ao acolhimento e atenção aos seus irmãos e irmãs leigos. Do bom e sadio convívio de vocês com eles, nossas Igrejas Particulares têm colhido sempre mais frutos saborosos no campo da evangelização. Percebemos que cresce entre vocês a consciência da necessária ação conjunta com as leigas e os leigos, bem como com seus irmãos e irmãs de vida consagrada, inseridos na pastoral de conjunto, no incremento de novas iniciativas evangelizadoras. Isto, porém, não vemos somente como meios mais eficazes para um melhor anúncio da Boa-Nova aos outros, mas também como instrumento eficaz de amadurecimento pessoal. Nessa perspectiva, a convivência com os seus irmãos de presbitério, com os diáconos permanentes e conosco, seus bispos, e em comunhão com o papa João Paulo II, tem-se revelado fonte de graça e crescimento.

10. Muito machuca nosso coração de pastores quando percebemos alguns dentre vocês solitários, isolados, com sinais de intransigência e de autoritarismo, relutando em abraçar o Plano Diocesano de Pastoral e participar das reuniões ou de outras atividades no âmbito da Igreja Particular. Contamos com seu entusiasmo e ação, para que, na linha das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, participem intensamente da realização do Projeto Nacional de Evangelização *Queremos Ver Jesus – Caminho, Verdade e Vida*.

11. Gostaríamos de vê-los misericordiosos, bondosos, atenciosos, compassivos, generosos, acolhedores e homens de oração. Sabemos, no entanto, que é fundamental nosso testemunho de bispos, que trazem em sua vida e ministério essas mesmas atitudes. Pedimos perdão pelas vezes que tudo isso não aconteceu em nosso relacionamento com vocês. Acreditamos que essas virtudes são mais facilmente desenvolvidas se houver amizade entre os presbíteros, destes com os bispos e vice-versa, favorecendo a superação das dificuldades que surgem na ordem humano-afetiva, na vida dos presbíteros. Nada de julgamentos, mas sim de compreensão e de apoio, pois não desconhecemos as inúmeras dificuldades que muitos de vocês enfrentam para levar uma vida humanamente equilibrada; pois podemos trazer marcas profundas de experiências passadas em nossas famílias de origem ou mesmo em casas de formação,

ou ainda, provenientes do exercício consciencioso do ministério, no denunciar situações inaceitáveis e anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus.

12. Comprometemo-nos, caros presbíteros, lembrados de que Deus corrige a quem ama (cf. Ap 3,19)<sup>6</sup>, a não contemporizar quando, dentre vocês, um irmão apresentar comportamentos que requeiram acompanhamento especial, como aqueles de ordem afetivo-sexual, apegos excessivos ao poder e ao dinheiro, alcoolismo e algumas patologias psicológicas profundas. Esperamos que o presbítero em causa aceite o tratamento adequado. Lamentamos e desaprovamos a interpretação inexata dada a uma das perguntas da Pesquisa encomendada pela Comissão Nacional de Presbíteros – CNP, ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS.

Renovai em vós o dom recebido (cf. 2Tm 1,6)

13. Ao relacionarmos sua vida e ministério com a Palavra, sentimo-nos tocando fundo o mistério desta relação, constitutiva e fundante do seu ministério. Vocês são, sem dúvida, homens da Palavra, não de qualquer palavra, mas daquela a vocês confiada pelo Cristo, que, ao encarnar-se, também se fez Palavra humana, Verbo Eterno de Deus presente na nossa história (cf. Jo 1,14)<sup>7</sup>. Essa Palavra dada acompanha diariamente a vida e o ministério de vocês na sua totalidade. Sabemos, por outro lado, o quanto essa Palavra é desafiadora em nossas vidas, pois, como embaixadores do Cristo (cf. 2Cor 5,20)<sup>8</sup>, não somos donos da Palavra. Dele a recebemos como discípulos e a ele devemos ser fiéis. Com esperança e alegria vemos o caminho que essa Palavra tem feito na vida de inúmeros presbíteros, que se deixam guiar por ela e, por ela, chegam ao grande testemunho, comprometendo a vida toda, até as últimas conseqüências.

14. Sua conformação com essa Palavra é que o autoriza a introduzir a pessoa humana na grande família de Deus: “Eu te batizo”; e ser sinal e proferir a palavra de misericórdia e de reconciliação: “Eu te absolvo”. É, mais ainda, pela sua total identificação com essa Palavra que podemos ouvir o próprio Cristo, repetindo cotidianamente em nossos altares: “Isto é meu Corpo, este é o Cálice do meu Sangue”. Corpo e Sangue de Cristo, mas seus também, queridos irmãos presbíteros, pois somente podemos dizer isso pela graça sacramental, que nos incorpora ao Cristo Pastor e Redentor da humanidade.

15. É hora de especial empenho pela mística presbiteral que os levará, caríssimos irmãos, a ter no Cristo Bom Pastor o modelo que, a exemplo de sua caridade pastoral, lhes propicia encontrar o vínculo da perfeição sacerdotal, fonte da unidade de sua vida e missão. Elementos fundamentais e constitutivos do cultivo dessa mística são a celebração diária da eucaristia quando, em nome de Cristo, oferecemos a humanidade ao Pai, e a recitação da Liturgia das Horas quando, unidos a toda a Igreja, rezamos ao Pai. Entre outros meios eficazes, destacamos a oração pessoal, sobretudo na presença do Cristo eucarístico, a confissão sacramental freqüente, a leitura orante da Palavra de Deus, pessoal e comunitária, a correção fraterna, os retiros anuais do presbitério, a recitação do rosário e leituras sobre o testemunho de vidas inteiramente voltadas à vivência do Evangelho, característica dos santos e mártires.

16. Esmerem-se em levar avante a formação permanente, conscientes de que cada vida é um caminho incessante em direção à maturidade e, por ela, atende-se à exigência de acertar o passo com a história e discernir o contínuo chamado ou vontade de Deus. A alma e essência da formação permanente do presbítero é a caridade pastoral, pois todos os aspectos da formação devem ordenar-se ao fim pastoral (cf. PDV 70; OT 4)<sup>9</sup>. A formação contínua o ajudará, querido irmão presbítero, a “guardar o precioso bem a ti confiado, com a ajuda do Espírito Santo, que habita em nós” (2Tm 1,14)<sup>10</sup>.

17. A vocês, amados irmãos, se aplica o que escreveu o apóstolo Pedro: “Sem terdes visto o Senhor, vós o amais. Sem que agora o estejais vendo, credes nele. Isto será para vós fonte de alegria inefável e gloriosa, pois obtereis aquilo em que acreditais: a vossa salvação” (1Pd 1,8).

## II. O PRESBÍTERO E A COMUNIDADE

“Pedro, tu me amas?  
Apascenta minhas ovelhas” (cf. Jo 21,16)

18. Como resposta à pergunta insistente do Senhor, admiramos o trabalho de vocês, presbíteros, no sentido de edificarem a comunidade. Admiramos também a Carta do 10º Encontro Nacional de Presbíteros pelo incentivo à participação no presbitério e na comunhão fraterna. Na verdade, o presbitério é nossa primeira comunidade.

19. Quanto nos conforta perceber o amor incondicional que vocês têm pela Igreja, fruto maduro da eucaristia, fonte, vida e centro de toda a comunidade cristã e, de modo particular, para vocês que a presidem (cf. PO 5)<sup>11</sup>. O serviço da presidência da eucaristia decorre do Sacramento da Ordem, pelo qual os presbíteros se configuram com Cristo Sacerdote e Cabeça, para construir e edificar todo o seu corpo, que é a Igreja, como cooperadores da ordem episcopal (cf. PO 12)<sup>12</sup>.

20. Quando vocês demonstram, muitas vezes, que aspiram por mudanças na forma de a Igreja dar continuidade à obra de Jesus Cristo na realidade de hoje, é surpreendente com que dedicação e espírito de entrega o fazem!

21. A vivência em presbitério tem sido, sem dúvida, para todos nós, uma fonte inesgotável de aprendizado da vivência ministerial. Aí encontramos ajuda mútua para, como ministros ordenados, garantirmos a fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo. É também fonte pedagógica para correção de possíveis distorções que podem surgir no exercício do ministério, pois da convivência entre nós brotam perguntas sobre o relacionamento nem sempre fraterno, que, por vezes, se tem revelado subserviente com os superiores e autoritário com os subalternos. A fraternidade presbiteral nasce do Sacramento da Ordem e nos ajuda a acolher no coração a afirmação profética do papa João Paulo II: “O ministério ordenado tem uma radical forma comunitária e apenas pode ser assumido como obra coletiva” (PDV 17)<sup>13</sup>. A vida em presbitério é, sem dúvida, um dom de Deus, que merece sério cultivo da parte de todos. Sinais concretos desse cultivo têm sido também a busca de uma convivência fraterna com os diáconos permanentes, religiosos e religiosas e com as leigas e os leigos, co-responsáveis na obra da evangelização.

22. Impulsionados pelo Espírito Santo, protagonista da missão, estamos conscientes de que o presbítero diocesano é chamado a viver o fecundo dinamismo missionário na Igreja Particular. Isso implica maior disponibilidade para ser enviado a outras paróquias, especialmente às mais pobres e distantes, e a outros serviços propostos pela diocese, tais como: coordenação diocesana, assessorias de acompanhamento de várias pastorais específicas e movimentos eclesiais. Esse testemunho de disponibilidade constitui desafio para que todos se disponham a ir ao encontro do outro e as pastorais venham a assumir também esse espírito missionário.

23. A busca de integração entre idosos e jovens, missionários provenientes de outros países e brasileiros, religiosos e seculares, e também brasileiros oriundos dos mais diversos estados da federação, é marca significativa de nossos presbitérios. Nosso país, pela sua própria constituição étnica, sempre favoreceu uma Igreja que sabe articular essas realidades de modo tão rico e fecundo, que torna nosso processo evangelizador único e belo.

24. Esse espírito missionário deve ser sempre mais concreto no sinal de cooperação e vida em comum, que cresce entre nós. Alguns presbíteros têm-se colocado à disposição de outras Igrejas Particulares, intercambiando experiências e favorecendo maior integração de nossa Igreja, em âmbito nacional. Reconhecemos que houve, nos últimos anos, um crescente compromisso de nossa Igreja com a missão *ad gentes*, mas ainda sonhamos que essa perspectiva se amplie, constituindo verdadeiramente uma experiência de autênticos presbíteros brasileiros *fidei donum*.

25. É importante fortalecer a consciência ecumênica e o diálogo inter-religioso, marcas significativas da caminhada de nossa Igreja que, cada vez mais, vêm contribuindo para tornar real a busca da unidade desejada por Jesus Cristo: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 21).

26. Louvamos a Deus também pelo surgimento da experiência de equipes de vida e trabalho sacerdotais, em que a interajuda e, em alguns casos, até o caixa comum favorecem maior fraternidade entre vocês, corrigindo possíveis distorções e aliviando o peso do trabalho evangelizador.

27. Suas organizações próprias, tais como a Pastoral Presbiteral, os Encontros Nacionais, as fraternidades presbiterais, as associações e comissões, demonstram o desejo de uma vida profundamente marcada pela solidariedade entre vocês, que são mais autênticas quanto mais abertas e sensíveis à realidade de todos os irmãos presbíteros.

28. Nosso pensamento e nosso afeto incluem também aqueles que não exercem mais o ministério, mas que, em comunhão com a Igreja, continuam participando em nossa comunidade eclesial. Agradecemos sua presença amiga e os exortamos a permanecerem no seguimento de Jesus Cristo, unidos a nós e atuantes em nossas comunidades.

“Eu vos dei o exemplo” (Jo 13,15)

29. Cada vez mais, somos conscientes de que não há um modelo único de presbítero, assim como não há uma única maneira de evangelizar. Em algumas Igrejas Particulares, o convívio de diversos modelos tem-se desenvolvido bem numa perspectiva da eclesiologia de comunhão, que busca integrar atitudes e opções diferentes no exercício do ministério presbiteral, resultando em fecundidade pastoral. Entender a variedade da atuação dos presbíteros em termos de complementaridade, valoriza os dons e sensibilidades diferentes que se respeitam mutuamente e se reconhecem integrados num único corpo: o da Igreja de Cristo naquela diocese ou naquele território, com sua pastoral de conjunto.

30. Olhando nossos presbitérios, percebemos que há frutos significativos da teologia do Concílio Vaticano II entre nós, mas que ainda permanece como meta e desafio para muitos. “Exercendo o múnus de Cristo Cabeça e Pastor [...] os presbíteros reúnem, em nome do bispo, a família de Deus, como fraternidade bem unida, e levam-na a Deus Pai por Cristo no Espírito. Para exercer este ministério [...] é conferido o poder espiritual, que é dado para edificação. Na edificação da Igreja, porém, os presbíteros devem conviver com todos, com grande humanidade, a exemplo do Senhor. [...] Por isso, cabe aos sacerdotes, como educadores na fé, cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado no Espírito Santo a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho, uma caridade sincera e operosa e a liberdade com que Cristo nos libertou. De pouco servirão as cerimônias, embora belas, bem como as associações, embora florescentes, se não se ordenam a educar os homens a conseguir a maturidade cristã. Os presbíteros ajudá-los-ão a promoverem esta maturidade, para que até nos acontecimentos grandes ou pequenos consigam ver o que as coisas significam, qual é a vontade de Deus. Sejam ainda os cristãos treinados a não viverem só para si, mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, a porem uns a serviço dos outros a graça recebida, e, desta forma, realizarem todos, de maneira cristã, suas tarefas na comunidade humana. Embora sejam devedores de todos, os presbíteros consideram como recomendados a si de modo particular os pobres e os mais fracos, com os quais o próprio Senhor se mostrou associado e cuja evangelização é apresentada como sinal da obra messiânica” (PO 6)<sup>14</sup>.

31. Onde isso ainda não acontece, a diversidade de modelos tem sido fonte de conflitos desgastantes, a competição tem dificultado a comunhão e a concorrência prejudicado amplos setores de nossas Igrejas Particulares, que se sentem escandalizados com nossa divisão.

32. Momentos privilegiados de superação das dificuldades no âmbito da vida fraterna têm constituído, cada vez mais, os nossos retiros anuais. Indo ao encontro do Senhor, deparamos-nos como peregrinos de um mesmo caminho. Meditando sobre o mistério do Cristo, temos a oportunidade de perceber também o mistério do nosso chamado.

“Ide também vós para a vinha”(Mt 20,4)

33. Quantas vezes tem ressoado em nossos ouvidos o forte e suave convite do Senhor “Vem e segue-me!” (Mt 19,21b). É a experiência que renova em nós a certeza de que a vocação e a missão são dons de Deus para o serviço ao seu povo e de que precisamos oferecer os meios necessários para que ela aconteça também entre os jovens de hoje. Assim, uns vão se integrando no serviço da comunidade, outros são acolhidos na vida consagrada e não faltam aqueles que, também pela graça de Deus, vão cultivando no Seminário o chamado ao ministério ordenado. Ressaltando a importância da Pastoral Vocacional, agradecemos ao Senhor da messe os presbíteros que, em nome da Igreja, se dedicam a esse trabalho.

34. Olhamos com profunda gratidão os que se têm dedicado ao urgente trabalho da formação dos futuros presbíteros nos Seminários. Somos testemunhas da abnegação e seriedade com que assumem essa missão na Igreja. Reconhecemos, porém, que ainda há muito que fazer nessa dimensão. Compartilhando as inquietações que muitos de vocês têm manifestado, pedimos: ajudem-nos a trabalhar para que o processo formativo fortaleça as dimensões humano-afetiva, espiritual, pastoral, comunitária e intelectual, e não contribua para a formação de padres acomodados, “burgueses”, “meros funcionários da instituição”. Ajudem-nos a trabalhar para que o candidato ao presbiterado vivencie, durante o processo de discernimento vocacional, a experiência de ter o Cristo Servo-Pastor como referência absoluta para o que ele foi chamado: a vida no ministério.

35. Preocupa-nos a situação de muitos presbíteros na maioria de nossas Igrejas Particulares, em razão de reconhecidas desigualdades no que diz respeito à sua sustentação e assistência médica. Reconhecemos que muitas dioceses ainda não conseguiram elaborar um plano concreto nesse sentido, fato que representa um desafio à nossa criatividade pastoral. Em decorrência desse estado de coisas, encontramos, em diversas dioceses, presbíteros que têm gastado precioso tempo na busca da própria manutenção, comprometendo a qualidade do exercício de seu ministério. Muitos assim procedem porque se deixaram levar pelos anseios da sociedade consumista.

36. Há milhares de comunidades católicas espalhadas por nosso imenso país, e isso é fruto do amor generoso do Pai, mas que conta com o ardor evangelizador de vocês que, dóceis ao sopro do Espírito, vêm aprendendo a descobrir que cada comunidade é uma carta de Cristo escrita no coração de nossa história. Nesse trabalho, é decisiva a participação dos leigos e leigas, religiosos e religiosas, que se dedicam, com os presbíteros, para que a missão do Cristo continue viva e dinâmica no seio da humanidade.

37. O processo contínuo de formação e de fortalecimento das pequenas comunidades tem sido uma luz para vários movimentos e associações religiosas, que começam a descobrir a importância da participação efetiva de seus membros na comunidade eclesial. Assim, a comunidade fica enriquecida com a variedade de dons de movimentos e associações mais bem integrados na pastoral de conjunto.

38. Constatamos, caros irmãos presbíteros, que a grande maioria de vocês exerce seu ministério na paróquia. Em comunhão com as Conclusões da Conferência de Santo Domingo, sonhamos com o dia em que as paróquias possam ser verdadeiramente comunidade de comunidades e movimentos, onde todos e, particularmente, as famílias e os jovens encontrem cuidado especial e os pobres se sintam como em sua casa (cf. *Novo Millennio Ineunte*, 50)<sup>15</sup>. Paróquias ministeriais, celebrativas, missionárias, ecumênicas,

libertadoras e, como pede o papa João Paulo II, verdadeiras casas e escolas de comunhão.

### III. O PRESBÍTERO E A SOCIEDADE

“Pedro, tu me amas?  
Apascenta minhas ovelhas” (cf. Jo 21,17)

39. Vocês também respondem à pergunta de Jesus Cristo no testemunho que dão de dedicação e entrega na construção de uma *sociedade* justa e fraterna, sinal daquele que foi o grande sentido que Nosso Senhor deu à sua vida: o Reino de Deus.

40. Quanto nos alegra o compromisso de vocês com os pobres e excluídos. Ainda que preocupados, não podemos esconder a grande satisfação que sentimos quando, por causa deles, vocês nos lembram as promessas de Jesus Cristo no grande sermão das Bem-Aventuranças.

41. Lamentamos quando alguns de vocês se deixam levar pela ilusão de que, ocupando cargos políticos, servirão melhor ao povo do que por meio do ministério presbiteral. A missão do presbítero tem algo de específico, na configuração do Cristo Pastor, que não se coaduna com a partidarização política. Ter postura clara no campo do profetismo implica dedicação profunda e séria da entrega da vida ao povo de Deus, sobretudo aos menores de seus irmãos, o que muitos de vocês têm feito com imenso zelo pastoral.

42. O fato, porém, de a Igreja não possuir nem oferecer um particular modelo de vida social, nem estar ligada a um determinado sistema político, não quer dizer que ela não deva formar e encorajar os cristãos leigos a participarem na elaboração de projetos sociopolíticos que contribuam para a construção da sociedade justa e fraterna. Vemos, com muita alegria, que isso vem sendo feito por meio de escolas de formação política em diversas de nossas Igrejas Particulares (cf. *A Doutrina Social da Igreja na Formação Sacerdotal*, 63).

43. Nossa Igreja continua sendo apontada pelos institutos de pesquisa como uma das instituições mais confiáveis. Temos consciência de que isso se deve também ao testemunho sério de inúmeros presbíteros que, mesmo sendo perseguidos ou difamados, defendem intrepidamente os direitos humanos e doam suas vidas para que tantos excluídos da sociedade possam ter sua dignidade reconhecida.

44. “A ação social em que vocês estão mergulhados, quando iluminada pelo Evangelho, é sinal da presença do Reino de Deus no mundo, enquanto proclama as exigências deste Reino na história e na vida dos povos como fundamento de uma sociedade nova, enquanto denuncia tudo o que atenta contra a vida e a dignidade da pessoa nas atitudes, nas estruturas e nos sistemas sociais, enquanto promove uma plena integração de todos na sociedade, como exigência ética da mensagem evangélica da justiça, da solidariedade e do amor” (*A Doutrina Social da Igreja na Formação Sacerdotal*, 64).

45. Sempre em consonância com a missão que vocês já vêm exercendo, percebemos que a convicção da evangélica opção preferencial pelos pobres, elemento constitutivo da espiritualidade do presbítero, está-se arrefecendo. Essa espiritualidade é vivida quando o presbítero, com profundo conhecimento da Doutrina Social da Igreja, se faz pessoalmente presente no mundo dos pobres, solidário nas situações de sofrimento e de conflito social, apoiando as pastorais sociais, iniciativas da nossa Igreja no empenho na promoção de políticas públicas em vista do bem comum, tais como o Mutirão de Superação da Miséria e da Fome e a defesa dos legítimos interesses dos povos indígenas e afrodescendentes, dentre outras.

46. Vemos crescer e devemos investir mais na presença de presbíteros nos mais variados meios de comunicação, com destaque ao televisivo. Campo novo e desafiador que está a exigir de nós maior conhecimento de seus segredos, de suas técnicas, de suas



ambigüidades também, para que a mensagem do Evangelho em sua integridade possa atingir espaços sociais onde ainda ela não chega.

47. A profecia é uma forma especial de exercício dos ministérios da Palavra e da caridade, de validade permanente na missão da Igreja. Portanto, o profetismo continua a ser dimensão fundamental do ministério do presbítero, diante dos novos desafios da realidade. O presbítero, chamado a desenvolver esse dom, deve favorecê-lo também entre os fiéis, por causa da maior fidelidade do povo à aliança com Deus.

48. Percebemos que a eficácia da atuação dos presbíteros no campo sociotransformador é maior quando, ainda que seja fruto de um carisma pessoal, atuam em profunda comunhão com suas Igrejas Particulares. No espírito evangélico e do Vaticano II, não há mais espaço para os profetas que atuam isolados de seus presbitérios e agem à revelia deles. A realidade é muito complexa, por isso, em cada Igreja Particular, o bispo com seu presbitério é convocado a conhecê-la de maneira mais profunda, nos seus diversos âmbitos: socioeconômico, político, cultural, religioso e outros.

49. Olhando a vida de vocês, presbíteros, percebemos que permanece profundamente atual o alerta que o Concílio Vaticano II fez a toda a Igreja, quando afirmou ser um dos erros mais graves o divórcio entre a fé professada e a vida cotidiana (GS 43)<sup>16</sup>. Ficamos felizes quando entre vocês os presbíteros-profetas encontram acolhida e se sentem como membros de uma família, que comporta uma gama surpreendente de carismas.

50. Sabemos o quanto também os inquieta, caros presbíteros, a multiplicidade de “novas igrejas”, com expressões muito diversas, mas que têm em comum o proselitismo, fanatismo, fundamentalismo bíblico, falsas promessas de salvação e de curas miraculosas, imediatismo na solução dos problemas, ilusão de prosperidade econômica. Quanto nos entristece, questiona e desafia vemos pessoas, sobretudo pobres e simples, que, enganadas, deixam a nossa Igreja em busca dessas soluções ilusórias. Somos interpelados a um maior aprofundamento desse fenômeno e a uma revisão profunda de nosso trabalho pastoral, de nossas formas de acolhida, a fim de melhorar a qualidade de nossos meios e de nosso testemunho (cf. *Santo Domingo*, 147-151)<sup>17</sup>.

51. Importante ressaltar que o nosso engajamento na construção da sociedade justa e fraterna não tem outra motivação do que a de servir, na força do Espírito, como o Cristo-Servo, a todos, a começar dos menores dentre seus irmãos. Nessa perspectiva, entendemos o que pe. Edson Damian nos dizia durante o nosso retiro espiritual: “No serviço aos pobres e nas atividades que abarcam a dimensão sociotransformadora, o presbítero é um homem espiritual”. Nesse espírito, agradecemos ao Pai o testemunho dos presbíteros que derramaram seu sangue ou de outro modo entregaram suas vidas.

#### **IV. O PRESBÍTERO IDOSO E ENFERMO**

“Quando eras jovem, ias aonde querias” (cf. Jo 21,18)

52. Enviamos também uma palavra com carinho especial aos nossos irmãos presbíteros idosos. Olhando para vocês, percebemos o quanto somos devedores do seu amor e dedicação à edificação do povo de Deus; vocês que, muitas vezes perplexos, participaram de inúmeras mudanças na sociedade e na Igreja.

53. Quando um seu irmão jovem assume seu lugar e reconhece que tudo o que foi aí feito tem o suor do seu rosto, tem a marca de sua dedicação, a Igreja vê com alegria a continuidade do processo evangelizador, ainda que com novos métodos, novas expressões, mas com o mesmo ardor de vocês.

54. Como os bispos, o presbítero, com a consciência da missão cumprida, alegremente, entregue sua paróquia ou qualquer outro serviço que exerça na diocese, ao atingir a idade dos setenta e cinco anos (cf. CDC 401, §1)<sup>18</sup>.

55. Vocês continuam na Igreja como os verdadeiros presbíteros – anciãos – que nos enriquecem com sua sabedoria, fruto de tantos anos de trabalho evangelizador.

56. Se, em algumas dioceses, a atenção que lhes é dispensada ainda não se transformou em medidas eficazes para lhes conceder um tratamento adequado, saibam, caros presbíteros, que temos consciência do seu valor e da urgência em reverter essa situação.

57. Durante toda essa Assembléia, estiveram também presentes em nosso coração de pastores os queridos presbíteros enfermos, que, por meio de seu sofrimento, quando unidos ao sofrimento e à paixão de Cristo, se têm tornado fonte de bênçãos para seus irmãos de presbitério, bem como para toda a Igreja Particular.

58. O testemunho de fidelidade ao ministério presbiteral, especialmente de tantos irmãos presbíteros idosos e enfermos, é uma fonte extraordinária de maior dinamismo e ardor evangelizador para a diocese e de estímulo para os mais novos, contribuindo também para uma eficaz promoção vocacional.

## V. CONCLUSÃO

“Segue-me” (Jo 21,19)

59. Todo presbítero, por meio de sua ordenação, se identifica com o discípulo que recebeu de Jesus a incumbência de cuidar de sua Mãe – “Eis aí tua mãe” – e, ao mesmo tempo, sabe que ela o guarda e protege como filho – “Eis aí o teu filho”. É nesse duplo aspecto de carinho filial da parte do presbítero, por um lado, e da certeza de que é amado e amparado por Maria, a Mãe do Salvador, por outro, que todos os presbíteros exercem com confiança e humildade o seu ministério. Maria, a mãe de Jesus, o Bom Pastor, é, sem dúvida, presença indispensável na vida e no ministério dos presbíteros. Por isso, lhe pedimos:

60. *“Maria, Mãe de Deus e nossa,  
nos acompanhe com sua ternura  
e nos mostre sempre que o amor de Jesus  
Cristo e a Jesus Cristo  
é e precisa ser o fundamento de nossa vida e missão.”  
E, com ela, rezamos ao Pai:*

*“Senhor, nosso Pai,  
faça crescer no coração de cada um de nós  
o amor que faz o vosso Filho entregar  
sua vida pelos seus.  
Que o vosso Espírito fecunde  
a nossa vida e ministério,  
para que, bispos, presbíteros, diáconos,  
religiosas, religiosos, cristãos  
leigos e leigas,  
possamos responder como Pedro,  
do fundo do coração:  
‘Tu sabes que te amamos’.  
Amém!”.*

### Nota:1

**João Paulo II**, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Gregis*, 47: “Não é sem razão que o decreto conciliar *Christus Dominus*, ao dar a descrição da Igreja particular, a apresenta como comunidade de fiéis confiada ao cuidado pastoral do Bispo *“cum cooperatione presbyterii”*. De fato, há entre o Bispo e os presbíteros um *communio sacramentalis* em virtude do sacerdócio ministerial ou hierárquico, que é participação do único sacerdócio de Cristo, e por conseguinte, embora em grau diverso, em virtude do único ministério eclesial ordenado e da única missão apostólica.

Assim, os presbíteros, especialmente os párocos, são os colaboradores mais íntimos do ministério do Bispo. Os padres sinodais reiteram as recomendações e os apelos, já presentes nos documentos conciliares e retomados mais recentemente na Exortação apostólica *Pastores dado vobis*, para uma especial qualidade das relações entre o Bispo e os seus presbíteros. O Bispo procurará sempre comportar-se com os seus sacerdotes como o

pai e irmão que os ama, escuta acolhe, corrige, conforta, busca a sua colaboração e cuida o melhor possível do seu bem-estar humano, espiritual ministerial e econômico.

Este afeto privilegiado do Bispo pelos seus sacerdotes manifesta-se sob a forma de acompanhamento paterno e fraterno das etapas fundamentais da sua vida sacerdotal, a partir dos primeiros passos no ministério pastoral. Fundamental é a formação permanente dos presbíteros, constituindo para todos uma espécie de “vocação na vocação”, porque, nas suas dimensões diferentes e complementares, tende a ajudar o padre a ser e a comportar-se segundo o estilo de Jesus.

Entre os primeiros deveres de cada Bispo diocesano, está o cuidado espiritual do seu presbítero: “O gesto do sacerdote, que põe as suas próprias mãos nas mãos do Bispo, no dia da ordenação presbiteral, prometendo-lhe ‘reverência e obediência’, à primeira vista pode parecer um gesto unilateral. Na realidade, este gesto compromete a ambos: o sacerdote e o Bispo. O jovem presbítero escolhe confiar-se ao Bispo e este, por sua vez, compromete-se a salvaguardar aquelas mãos

Aprez-me acrescentar mais duas ocasiões em que o presbítero pode justamente esperar do seu Bispo provas duma especial unidade. A primeira, quando lhe é confiada uma missão pastoral, quer isso suceda pela primeira vez como no caso do sacerdote recém-ordenado, quer se trate duma alteração no serviço ministerial ou atribuição dum novo mandato pastoral. A atribuição duma missão pastoral constitui, também para o Bispo, um momento significativo de responsabilidade paterna para com um seu presbítero. Há umas palavras de São Jerônimo que se podem aplicar perfeitamente a esta circunstância: “Sabemos que a mesma relação, que havia entre Aarão e os seus filhos, decorre entre o Bispo e os seus sacerdotes. Um só é o Senhor, como um só é o templo: haja também unidade no ministério. [...] A glória de um pai não é o filho sábio? Possa o Bispo congratular-se consigo próprio pelo bom pressentimento que teve na escolha de tais sacerdotes para Cristo”.

O outro momento é quando um sacerdote, por causa da idade avançada, deixa a guia pastoral efetiva duma comunidade ou os encargos de direta responsabilidade. Nestas circunstâncias e análogas, o Bispo tem o dever de fazer com que o sacerdote sinta quer a gratidão da Igreja particular pelas lidas apostólicas até então desempenhadas, quer a especificidade da sua nova colocação dentro do presbitério diocesano: é que ele conserva, antes vê aumentada, a possibilidade de contribuir para a edificação da Igreja através do testemunho exemplar duma oração mais assídua e da generosa partilha, a bem de seus irmãos mais jovens, da experiência adquirida. E aos sacerdotes que se encontram em idêntica situação, por causa duma doença grave ou doutra forma de persistente debilitação, o Bispo faça-lhes sentir a sua solidariedade fraterna, ajudando-os a manterem viva a convicção de “continuarem a ser membros ativos na edificação da Igreja, especialmente em razão da sua união com Jesus Cristo sofredor e com tantos outros irmãos e irmãs que na Igreja tomam parte na paixão do Senhor”.

O Bispo há de acompanhar, com a oração e uma ativa compaixão, também os sacerdotes que, por uma razão qualquer, puseram em questão a sua vocação e fidelidade ao chamamento do Senhor e de algum modo faltaram aos seus deveres.

Não deixará, enfim, de examinar os sinais de virtudes heróicas que eventualmente se tenham manifestado entre os sacerdotes e, se o considerar conveniente, proceder ao seu reconhecimento público dando os passos necessários para introduzir a causa de canonização”.

#### Nota:2

cf. **Fl 1,3**: “Agradeço ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vocês”.

#### Nota:3

cf. **Mt 16,19**: “Eu lhe darei as chaves do Reino do Céu, e o que você ligar na terra será ligado no céu, e o que você desligar na terra será desligado no céu”.

#### Nota:4

cf. **2Cor 4,7**: “Vejamos: em que você é mais do que os outros? O que é que você possui que não tenha recebido?”.

#### Nota:5

**João Paulo II, PDV 44**: “A maturidade afectiva supõe a consciência do lugar central do amor na existência humana. Na realidade, como escrevi na Encíclica *Redemptor hominis*, “o homem não pode viver sem amor. Permanece para si mesmo um ser incompreensível, a sua vida fica privada de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontra com o amor, se não o experimenta e não o faz seu, se não participa nele vivamente”. Trata-se de um amor que compromete a pessoa inteira, nas suas dimensões e componentes físicas, psíquicas e espirituais, e se exprime no “significado nupcial” do corpo humano, graças ao qual a pessoa faz entrega de si mesma a outra e a acolhe. Para a compreensão e realização desta “verdade” do amor humano, tende a educação sexual rectamente entendida. Efectivamente, devemos dar-nos conta de uma situação social e cultural difundida “que ‘banaliza’ em grande parte a sexualidade humana porque a interpreta e a vive de modo redutor e empobrecido, relacionando-a unicamente com o corpo e com o prazer egoísta”. Frequentemente as próprias situações familiares, de onde provêm as vocações sacerdotais, revelam a este respeito não poucas carências, e por vezes até graves desequilíbrios.

Num tal contexto, torna-se mais difícil, mas também mais urgente, uma *educação para a sexualidade* que seja verdadeira e plenamente pessoal e que, portanto, dê lugar à estima e ao amor pela castidade, como “virtude que desenvolve a autêntica maturidade da pessoa e que a torna capaz de respeitar e promover o ‘significado nupcial’ do corpo”.

Ora a educação para o amor responsável e a maturidade afectiva da pessoa tornam-se absolutamente necessárias para quem, como o presbítero, é chamado ao *celibato*, ou seja, a oferecer, pela graça do Espírito e com a resposta livre da própria vontade, a totalidade do seu amor e da sua solicitude a Jesus Cristo e à Igreja. Em vista do compromisso celibatário, a maturidade afectiva deve saber incluir, no âmbito das relações humanas de serena amizade e de profunda fraternidade, um grande amor vivo e pessoal a Jesus Cristo. Como escreveram os Padres sinodais, “é de capital importância no suscitar a maturidade afectiva o amor de Cristo, prolongado numa dedicação universal. Assim o candidato, chamado ao celibato, encontrará na maturidade afectiva um fulcro seguro para viver a castidade na fidelidade e na alegria”.

Pois que o carisma do celibato, mesmo quando é autêntico e provado, deixa intactas as tendências da afectividade e as excitações do instinto, os candidatos ao sacerdócio precisam de uma maturidade afectiva capaz de prudência, de renúncia a tudo o que a pode atacar, de vigilância sobre o corpo e o espírito, estima e

respeito pelas relações interpessoais com homens e mulheres. Uma ajuda preciosa pode ser dada por uma adequada educação para a verdadeira amizade, à imagem dos vínculos de fraterno afecto que o próprio Cristo viveu na sua existência (cf. Jo 11, 5).

A maturidade humana em geral, e a afectiva em particular, exigem uma formação clara e sólida para *uma liberdade* que se configura como obediência convicta e cordial à “verdade” do próprio ser, e ao “significado” do próprio existir, ou seja, ao “dom sincero de si mesmo” como caminho e fundamental conteúdo da autêntica realização do próprio ser”. Assim entendida, a liberdade requer que a pessoa seja verdadeiramente dona de si mesma, decidida a combater e a superar as diversas formas de egoísmo e de individualismo, que atacam a vida de cada um, pronta a abrir-se aos outros, generosa na dedicação e no serviço do próximo. Isto é importante para a resposta a dar à vocação, e de uma forma especial à sacerdotal, e para a fidelidade a essa vocação bem como aos compromissos com ela conexos, mesmo nos momentos difíceis. Neste itinerário educativo para uma amadurecida liberdade responsável, um auxílio pode vir da própria vida comunitária do Seminário.

Intimamente ligada à formação para a liberdade responsável, está a *educação da consciência moral*: esta, enquanto solicita do íntimo do próprio “eu” a obediência às obrigações morais, revela o significado profundo de tal obediência, isto é, o de ser uma resposta consciente e livre, e por conseguinte amorosa, às exigências de Deus e do Seu amor. “A maturidade humana do sacerdote - escrevem os Padres sinodais - deve incluir especialmente a formação da sua consciência. O candidato, de facto, para poder fielmente satisfazer às suas obrigações para com Deus e a Igreja e para poder sapientemente orientar as consciências dos fiéis, deve ser habituado a escutar a voz de Deus que lhe fala no íntimo do coração e a aderir com amor e firmeza à sua vontade”.

#### Nota:6

cf. **Ap 3,19**: “Sei que existem por aí alguns que se dizem judeus; são mentirosos, da sinagoga de Satanás. Vou entregá-los a você. Eles vão ter que ajoelhar aos seus pés e reconhecer que eu amo você”.

#### Nota:7

cf. **Jo 1,14**: “Nela estava a vida, e a vida era a luz dos homens”.

#### Nota:8

cf. **2Cor 5,20**: “Sendo assim exercemos a função de embaixadores em nome de Cristo, e é por meio de nós que o próprio Deus exorta vocês. Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliem-se com Deus”.

#### Nota:9

cf. **João Paulo II, PDV 70**: “‘Exorto-te a que reanimes o dom de Deus que está em ti’ (2 Tim I, 6).

As palavras do Apóstolo ao bispo Timóteo podem legitimamente aplicar-se àquela formação permanente, à qual são chamados todos os sacerdotes por força do “dom de Deus” que receberam na sagrada ordenação. Elas introduzem-nos na compreensão da verdade plena e da originalidade inconfundível da formação permanente dos presbíteros. Nisto somos ajudados também por um outro texto de Paulo, que escreve ao mesmo Timóteo: “Não descuides o dom espiritual que recebeste e que te foi concedido por uma intervenção profética, com a imposição das mãos dos presbíteros. Atende a estas coisas e ocupa-te nelas com todo o empenho, a fim de que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Cuida de ti mesmo e do teu ensino; insiste nestas coisas, porque, fazendo isto, salvar-te-ás a ti mesmo e aos outros que te escutam” (1 Tim 4, 14-16).

O Apóstolo pede a Timóteo para “reanimar”, ou seja, para reacender o dom divino, como se faz com o fogo sob as cinzas, no sentido de acolhê-lo sem nunca perder ou esquecer aquela “novidade permanente” que é própria de todo o dom de Deus, d’Aquele que faz novas todas as coisas (cf. *Ap 21, 5*) e, portanto, de vivê-lo na sua inesgotável pujança e beleza original.

Mas aquele “reanimar” não é só sucesso o de uma tarefa confiada à responsabilidade de Timóteo, nem apenas o resultado de um empenhamento da sua memória e vontade. É o efeito de um dinamismo de graça intrínseco ao dom de Deus: é o próprio Deus, portanto, a reanimar o Seu próprio dom, melhor, a libertar toda a extraordinária riqueza de graça e responsabilidade que nele está encerrada.

Com a efusão sacramental do Espírito Santo que consagra e envia, o presbítero é configurado a Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja e é mandado a exercer o ministério pastoral. Assim, o sacerdote é assinalado para sempre e de modo indelével no seu ser como ministro de Jesus e da Igreja, é inserido numa condição permanente e irreversível de vida, e é encarregado dum ministério pastoral que, radicado no ser, compromete toda a sua existência e é também ele permanente. O sacramento da Ordem confere ao sacerdote a graça sacramental que o torna participante não só do “poder” e do “ministério” salvífico de Jesus, mas também do seu “amor” pastoral; ao mesmo tempo assegura ao sacerdote todas aquelas graças actuais que lhe serão dadas sempre que forem necessárias e úteis para o digno e perfeito cumprimento do ministério recebido.

A formação permanente encontra, assim, o seu fundamento próprio e a sua motivação original no dinamismo do sacramento da Ordem.

É certo que não faltam *razões mesmo puramente humanas* que solicitem o sacerdote a realizar a formação permanente. Esta é uma exigência da sua realização progressiva: cada vida é um caminho incessante em direcção à maturidade, e esta passa através da formação contínua. Além disso, é uma exigência do ministério sacerdotal, visto simplesmente na sua natureza genérica e comum a qualquer profissão, ou seja, como um serviço prestado aos outros: hoje não existe profissão, compromisso ou trabalho que não exija uma contínua actualização, se quiser ser credível e eficaz. A exigência de “acertar o passo” com o caminho da história é outra razão humana que justifica a formação permanente.

Mas estas e outras razões são assumidas e especificadas pelas *razões teológicas* já recordadas e que se podem aprofundar ulteriormente.

O *sacramento da Ordem*, pela sua natureza de “sinal” que é própria de todos os sacramentos, pode considerar-se, como realmente é, *Palavra de Deus*: é Palavra de Deus *que chama e envia*, é a expressão mais forte da vocação e da missão do sacerdote. Mediante o Sacramento da Ordem, *Deus chama «coram Ecclesia» o candidato “ao” sacerdócio*. O “vem e segue-me” de Jesus encontra a sua proclamação plena e definitiva na celebração do sacramento da sua Igreja: manifesta-se e comunica-se através da voz dela, que ressoa nos lábios do Bispo que reza e impõe as mãos. E o sacerdote responde, na fé, ao chamamento de Jesus: “venho e sigo-te”. A partir desse momento, tem início aquela resposta que, como escolha fundamental, deve exprimir-se e reafirmar-se ao longo dos anos do sacerdócio em numerosíssimas outras respostas, todas elas radicadas e vivificadas pelo “sim” da Ordem sagrada.

Neste sentido, pode falar-se duma *vocação "no" sacerdócio*. Na realidade, Deus continua a chamar e a enviar, revelando o seu desígnio salvífico no desenrolar histórico da vida do sacerdote e das vicissitudes da Igreja e da sociedade. É precisamente desta perspectiva que emerge o significado da formação permanente: ela é necessária para discernir e seguir esse contínuo chamamento ou vontade de Deus. Assim, o apóstolo Pedro é chamado a seguir Jesus já depois de o Senhor ressuscitado lhe ter confiado a sua grei: "Respondeu-lhe Jesus: 'Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde tu não queres'. E disse isto para indicar o género de morte com que ele havia de glorificar a Deus. E, dito isto, acrescentou: 'Segue-me' " (Jo 21, 17-19). É, portanto, um "segue-me" que acompanha a vida e a missão do apóstolo. É um "segue-me" que acompanha o apelo e a exigência de *fidelidade até à morte* (cf. Jo 21, 22), um "segue-me" que pode significar uma *sequela Christi* até ao dom total de si no martírio .

Os Padres sinodais expressaram a razão que justifica a necessidade da formação permanente e, ao mesmo tempo, revela a sua natureza profunda, designando-a como "*fidelidade*" ao *ministério sacerdotal* e como "*processo de contínua conversão*" . É o Espírito Santo, infundido pelo sacramento, que sustém o presbítero nesta fidelidade e que o acompanha e estimula neste caminho de incessante conversão. O dom do Espírito não dispensa, antes solicita a liberdade do sacerdote, para que coopere responsabilmente e assuma a formação permanente como um dever que lhe é confiado. Assim esta é expressão e exigência da fidelidade dele ao seu ministério, ou melhor, ao seu próprio ser. É, portanto, amor a Jesus Cristo e coerência consigo mesmo. Mas constitui também um *acto de amor ao Povo de Deus*, ao serviço do qual o sacerdote está posto. É ainda um acto de *verdadeira e própria justiça*: ele é devedor ao Povo de Deus, chamado como é a reconhecer e a promover aquele seu "direito" fundamental de ser destinatário da Palavra de Deus, dos Sacramentos e do serviço da Caridade, que são o conteúdo original e irrenunciável do ministério pastoral do padre. A formação permanente é necessária para que ele esteja em condições de responder condignamente a tal direito do Povo de Deus.

*Alma e forma da formação permanente do sacerdote é a caridade pastoral*: o Espírito Santo, que infunde a caridade pastoral, introduz e acompanha-o no conhecimento sempre mais profundo do mistério de Cristo, que é insondável na sua riqueza (cf. Ef 3, 14-19), e, por conseguinte, no conhecimento do mistério do sacerdócio cristão. A mesma caridade pastoral impele o presbítero a conhecer cada vez mais as esperanças, as necessidades, os problemas, as sensibilidades dos destinatários do seu ministério: destinatários envolvidos nas suas concretas situações pessoais, familiares, e sociais.

A tudo isto tende a formação permanente, vista como consciente e livre proposta em ordem ao dinamismo da caridade pastoral e do Espírito Santo, que é a sua primeira fonte e alimento contínuo. Neste sentido, a formação permanente é uma exigência intrínseca ao dom e ao ministério sacramental recebido e revela-se necessária em todos os tempos. Hoje, porém, ela é particularmente urgente, não só pela rápida mudança das condições sociais e culturais dos homens e dos povos, no meio dos quais se exerce o ministério pastoral, mas também por aquela 'nova evangelização' que constitui a tarefa essencial e inadiável da Igreja no final do segundo milénio".

**Vaticano II, OT 4:** "Os seminários maiores são indispensáveis. Neles, toda a instrução dos alunos deve tender para que se formem verdadeiros pastores de almas, a exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, mestre, sacerdote e pastor. A instrução para o ministério da palavra, seja de tal sorte que os seminaristas compreendam sempre melhor a palavra revelada de Deus, assimilem-na pela meditação e a traduzam em suas palavras e no seu modo de agir. A instrução para o ministério do culto e da santificação os leve a ter consciência de realizar a obra da salvação na oração e nas celebrações litúrgicas, através do sacrifício eucarístico e dos sacramentos. Finalmente, a instrução para a prática do ministério os faça saber se comportar diante dos homens como o próprio Cristo, *que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida para a redenção de muitos* (Mc 10,45; cf. Jo 13,12-17) a fim de que, como servos de todos, a todos aproveitem (Cf. 1Cor 9, 19).

Por isso, todos os aspectos da formação espiritual, intelectual e disciplinar devem caminhar juntos, a serviço da finalidade pastoral, em vista da qual diretores e professores devem atuar de maneira ativa e coordenada, seguindo fielmente as orientações do bispo".

**Nota:10**

**2Tm 1,14:** "Quando me lembro das lágrimas que você derramou, sinto grande desejo de revê-lo e, assim, transbordar de alegria".

**Nota:11**

cf. **Vaticano II, PO 5:** "Deus, que somente é santo e santificador, quis colocar humildes associados e auxiliares a serviço da obra de santificação. Nesse sentido, os sacerdotes são consagrados a Deus, por ministério do bispo, como participantes, a título especial, do sacerdócio de Cristo, para que atuem, nas celebrações sagradas, como ministros daquele que exerce incessantemente, por nós, na liturgia, seu papel sacerdotal, no Espírito.

Os sacerdotes introduzem os seres humanos, pelo batismo, no povo de Deus. Reconciliam os pecadores pelo sacramento da penitência. Aliviam os doentes com a unção. Oferecem na missa, sacramentalmente, o sacrifício de Cristo. Desde os tempos primitivos, como mostra santo Inácio, mártir, os padres estão associados ao bispo em todos os sacramentos e o representam de diversas maneiras em cada uma das assembléias de fiéis.

Os sacramentos, todos os ministérios eclesiásticos e todas as obras apostólicas estão ordenados à eucaristia formando um só todo. Na eucaristia reside todo o bem espiritual da Igreja, que é Cristo, nossa páscoa. Pão vivo, em sua carne, vivificada e vivificante, no Espírito Santo, é fonte de vida para os homens, convidados a se unirem a ele, com todos os seus sofrimentos e toda a criação, num único oferecimento.

Por isso a eucaristia é fonte e cume de toda a evangelização. Os catecúmenos são progressivamente admitidos à eucaristia, enquanto os fiéis batizados e confirmados, pela recepção da eucaristia, se inserem cada vez mais profundamente no corpo de Cristo.

A assembléia eucarística, presidida pelo padre, é o centro de todas as reuniões de fiéis. Os sacerdotes ensinam o povo a oferecer a Deus Pai a vítima divina no sacrifício da missa, em união com sua própria vida.

No espírito de Cristo pastor, os sacerdotes procurarão levar os fiéis contritos a submeterem seus pecados ao sacramento da penitência, para melhor se converterem ao Senhor, recordando-se de sua palavra: *Façam penitência, aproxima-se o reino dos céus* (Mt 4, 17).

Habituem-nos igualmente a participar da liturgia sagrada, para se iniciarem na oração e se exercitarem a praticar, em toda a vida, de maneira cada vez mais perfeita, o espírito de oração, segundo as graças e necessidades de cada um. Orientem todos a viver segundo as exigências do seu estado, estimulando os mais perfeitos à prática dos conselhos evangélicos. Ensinem os fiéis a cantarem ao Senhor, em seu coração, hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças a Deus Pai por tudo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

Os louvores e ações de graça da celebração eucarística se prolonguem pelas diversas horas do dia através da recitação do ofício divino, que os padres devem dizer em nome da Igreja, do seu povo, e de todos os seres humanos.

Para consolo e satisfação dos fiéis a casa de oração, em que se celebra e se guarda a santíssima eucaristia, deve ser objeto de respeito e veneração, pois, é o lugar da reunião dos fiéis e da presença do Filho de Deus, nosso salvador, que se oferece no altar por nós. Ela deve estar sempre limpa e ser reservada à oração e às celebrações solenes, pois, nesse lugar, pastores e fiéis são convidados a corresponder ao dom daquele que, por sua humanidade, infunde incessantemente a vida em seu corpo.

Cultivem os sacerdotes a ciência e arte litúrgicas, para que seu ministério junto às comunidades que lhe são confiadas seja cada dia mais perfeito no louvor a Deus Pai, Filho e Espírito Santo”.

**Nota:12**

cf. **Vaticano II, PO 12:** “O sacramento da ordem associa os padres a Cristo sacerdote, como ministros da cabeça, para construir e edificar o seu corpo, a Igreja, como colaboradores da ordem episcopal.

Já no batismo, como todos os fiéis, receberam o sinal e o dom desta graça imensa, que é a possibilidade de visar à perfeição, apesar das fraquezas humanas, conforme a palavra do Senhor: *Sejam perfeitos como seu Pai celeste é perfeito* (Mt 5, 48).

Os sacerdotes devem buscar essa perfeição por uma razão especial, a saber, por terem se consagrado a Deus de um modo novo, na ordenação sacerdotal, como instrumentos vivos do Cristo, sacerdote eterno, prosseguindo no tempo sua obra admirável de reunir a humanidade, com a força do alto.

Como representante de Cristo, o sacerdote recebe a graça de ir se aperfeiçoando no serviço da comunidade que lhe é confiada, e de todo o povo de Deus. Suas fraquezas, como homem, são sanadas por aquele que é *pontífice santo, inocente, impoluto e isento de todo pecado* (Hb 7,26).

Santificado, consagrado e enviado ao mundo pelo Pai, Cristo *se entregou por nós, para nos resgatar do mal e constituir para si um povo puro, aceitável aos olhos de Deus e seguidor das boas obras* (Tt 2,14), tendo entrado assim na glória, através de sua paixão. Da mesma forma o padre, consagrado pela unção do Espírito Santo e enviado por Cristo, mortifica em si mesmo as obras da carne e se consagra totalmente ao serviço dos homens, de tal forma que, dotado da santidade de Cristo, vá se tornando homem perfeito.

Os padres, desde que sejam fiéis ao Espírito de Cristo, que os vivifica e conduz, prosperam na vida espiritual pelo próprio exercício do ministério, enquanto estão a serviço do Espírito e da santidade. Caminham para a perfeição através dos atos sagrados que praticam todo dia e de todo o seu trabalho, em conjunto com os demais padres e com o bispo.

A santidade dos padres contribui notavelmente para os resultados de seu ministério. Embora a graça de Deus produza frutos também através de ministros indignos, ordinariamente Deus prefere mostrar as suas maravilhas através daqueles que se dispõem com docilidade aos impulsos do Espírito Santo e podem dizer com o apóstolo, em virtude de sua íntima união com Cristo e de sua santidade: *Vivo, não porém eu, é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20).

Por isso o concílio, para atingir seus objetivos pastorais de renovação interna da Igreja, difusão do Evangelho em todos os povos e diálogo com o mundo moderno, exorta com veemência os sacerdotes a buscarem sempre maior santidade, com os meios recomendados pela Igreja a fim de que se tornarem cada dia mais instrumentos aptos ao serviço de todo o povo de Deus”.

**Nota:13**

**João Paulo II, PDV 17:** “O ministério ordenado, em virtude da sua própria natureza, pode ser exercido somente na medida em que o presbítero estiver unido a Cristo mediante a inserção sacramental na ordem presbiteral e, conseqüente, enquanto se encontrar em comunhão hierárquica com o próprio Bispo. O ministério ordenado tem uma radical *“forma comunitária”* e pode apenas ser assumido como *“obra colectiva”*. Sobre esta natureza de comunhão do sacerdócio se deteve longamente o Concílio, examinando distintamente a relação do presbítero com o seu Bispo, com os demais presbíteros e com os próprios leigos.

O ministério do presbítero é, antes de mais, comunhão e colaboração responsável e necessária no ministério do Bispo, na solicitude pela Igreja universal e por cada Igreja particular para cujo serviço eles constituem, juntamente com o Bispo, um único presbitério.

Cada sacerdote, seja diocesano ou religioso, está unido aos outros membros deste presbitério, na base do sacramento da Ordem, por particulares vínculos de caridade apostólica, de ministério e de fraternidade. De facto, todos os presbíteros, quer diocesanos quer religiosos, participam do único sacerdócio de Cristo Cabeça e Pastor, trabalham para a mesma causa, isto é, *“a edificação do Corpo de Cristo, que, especialmente em nossos dias, requer múltiplas actividades e novas adaptações”*, e se enriquece, no decurso dos séculos, de carismas sempre novos.

Finalmente os presbíteros, dado que a sua figura e o seu papel na Igreja não substitui, mas antes promovem o sacerdócio baptismal de todo o Povo de Deus, conduzindo-o à sua plena actuação eclesial, encontram-se numa relação positiva e promotora com os leigos. Eles estão ao serviço da fé, esperança e caridade destes. Reconhecem e sustentam a sua dignidade de filhos de Deus como amigos e irmãos, ajudando-os a exercitar em plenitude o seu papel específico no âmbito da missão da Igreja. O sacerdócio ministerial conferido pelo sacramento da Ordem e o comum ou *“real”* dos fiéis, que diferem entre si essencialmente e não apenas em grau, estão coordenados entre si, ambos derivando - em forma diversa - do único sacerdócio de Cristo. O sacerdócio ministerial, de facto, não significa, de per si, um maior grau de santidade relativamente ao sacerdócio comum dos fiéis; mas, através dele, é outorgado aos presbíteros, por Cristo no Espírito, um dom

particular para que possam ajudar o Povo de Deus a exercitar com fidelidade e plenitude o sacerdócio comum que lhes é conferido”.

**Nota:14**

**Vaticano II, PO 6:** “Como participantes da função de Cristo, cabeça e pastor, os padres, em nome do bispo, reúnem a família de Deus numa única fraternidade em torno de Deus Pai, no Espírito. Para o cumprimento desta missão e exercício de todas as outras funções, o padre recebe um poder espiritual de edificação da Igreja, que o dispõe a tratar a todos com a maior humanidade, a exemplo do Senhor. Não no sentido de querer sempre agradar a todos, mas levando a admoestá-los como a filhos caríssimos de acordo com as exigências da doutrina e da vida cristã, segundo o que diz o apóstolo: *Insiste, oportuna e importunamente, argumenta e corrige, com toda paciência e doutrina.* (2Tm 4,2)

Como educadores na fé, os sacerdotes, pessoalmente ou por meio de outros, cuidem de cada fiel em particular, para que sigam sua vocação própria, segundo o Evangelho. Ensine-os a agir segundo o Espírito Santo, na caridade e na liberdade pela qual Cristo nos libertou.

Pouco adiantam as belas cerimônias ou as associações cheias de vida, se não contribuem para o amadurecimento cristão das pessoas. Em vista desse objetivo, será de grande valia para os sacerdotes analisarem os acontecimentos, grandes e pequenos, em que se manifesta a vontade de Deus.

Ensinem os fiéis a não viverem exclusivamente em função de si mesmos. Com as graças que recebeu, cada um deve se colocar a serviço dos outros e cumprir cristãmente seus deveres na sociedade, de acordo com as exigências da caridade.

Embora estejam a serviço de todos, os sacerdotes devem se dedicar de modo especial aos pobres e aos mais fracos, com que o Senhor se mostra mais intimamente unido e cuja evangelização é sinal da obra messiânica.

Cuidem igualmente dos jovens. Também dos casais e dos pais, promovendo grupos de amizade e de ajuda mútua na vida cristã, que muito contribuem para enfrentar com maior facilidade os duros problemas do dia-a-dia.

Saibam os padres que os religiosos, homens e mulheres, são o que há de mais nobre na casa do Senhor, com direito a toda atenção, em vista de seu proveito espiritual, para o bem de toda a Igreja. Acima de tudo, assistam os doentes e agonizantes, visitando-os e confortando-os.

A função pastoral não se limita aos fiéis na sua individualidade, mas visa à formação da comunidade propriamente dita. O espírito comunitário deve ser alimentado tanto na Igreja local como em relação à Igreja universal. A comunidade local não guarde para si os seus fiéis, mas estimule seu espírito missionário, para que se empenhem em abrir para todos os homens o caminho de Cristo.

Recomenda-se especial cuidado com os catecúmenos e neófitos que devem ser progressivamente levados a conhecer melhor e a praticar a vida cristã.

A comunidade cristã se edifica a partir da eucaristia, em que fixa suas raízes e apóia sua estrutura. É a base de todo trabalho pedagógico. A celebração eucarística quando autêntica e plena, leva à prática de todas as obras de caridade, à ação missionária, ao auxílio às missões e a todas as múltiplas formas de testemunho cristão.

Sejam verdadeiras mães da comunidade eclesial pela caridade, oração, exemplo e obras de penitência, levando as almas a Cristo. É a forma mais eficaz de preparar o caminho de Cristo e da Igreja, mostrando-o aos que ainda não crêem, de estimular os fiéis e de prepará-los para os combates espirituais.

Na edificação da comunidade cristã, os sacerdotes não estejam a serviço de nenhuma ideologia ou partido humanos. Como arautos do Evangelho e pastores da Igreja, trabalhem sempre para o crescimento espiritual do corpo de Cristo”.

**Nota:15**

cf. **João Paulo II, Novo Millennio Ineunte**, 50: “No nosso tempo, de facto, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. O nosso mundo começa o novo milénio, carregado com as contradições dum crescimento económico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, no nosso tempo, quem morra de fome, quem esteja condenado ao analfabetismo, quem viva privado dos cuidados médicos mais elementares, quem não tenha uma casa onde abrigar-se?

E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobreza acrescentarmos as novas que frequentemente atingem mesmo os ambientes e categorias dotados de recursos económicos, mas sujeitos ao desespero da falta de sentido, à tentação da droga, à solidão na velhice ou na doença, à marginalização ou à discriminação social. O cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza. Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova « fantasia da caridade », que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna.

Por isso, devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como «em sua casa». Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino? Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho - e este anúncio é a primeira caridade - corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta. A caridade das *obras* garante uma força inequívoca à caridade das *palavras*”.

**Nota:16**

**Vaticano II, GS 43:** “O concílio exorta os fiéis, cidadãos de uma e de outra cidade, a se deixarem conduzir pelo espírito do Evangelho e, ao mesmo tempo, a cumprir fielmente seus deveres terrestres. Afastam-se da verdade todos aqueles que, sabendo que não temos aqui morada permanente, mas buscamos a futura, julgam poder negligenciar suas obrigações temporais, pensando não lhes estar sujeitos por causa da fé, segundo a vocação a que cada um foi chamado. Não é menor o erro daqueles que, pelo contrário, julgam poder mergulhar nos negócios terrenos independentemente das exigências da religião, pensando que esta se limita a determinados atos de culto e ao fiel cumprimento de certos preceitos morais. Esta divisão entre a fé professada

e a vida cotidiana de muitos é um dos mais graves erros do nosso tempo. Os profetas, no Antigo Testamento, já o condenavam como um escândalo, e Jesus Cristo, no Novo Testamento, o ameaça com pesadas penas. Evite-se a pernicioso oposição entre as atividades profissionais e sociais, de um lado, e as religiosas, de outro. O cristão que não cumpre suas obrigações temporais, falta a seus deveres para com o próximo e para com Deus e põe em risco a sua salvação eterna. Alegrem-se, ao contrário, os cristãos que, seguindo o exemplo de Cristo, que trabalhou como operário, exercem todas as suas atividades unificando os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos e técnicos numa síntese vital com os bens religiosos, sob cuja direção tudo se orienta para a glória de Deus.

Competem aos leigos, embora sem exclusividade, os deveres e as atividades seculares. Agindo como cidadãos do mundo, individual ou coletivamente, observarão as normas de cada disciplina e procurarão adquirir verdadeira competência nos setores em que atuam.

Trabalharão em cooperação com os demais, na busca dos mesmos objetivos. Imbuídos de fé e lhe reconhecendo claramente as exigências, tomarão e procurarão levar a bom termo as iniciativas que se fizerem necessárias. A lei divina se aplica às realidades temporais através dos leigos, agindo de acordo com sua consciência, devidamente formada. Mas os leigos devem contar com as luzes e a força espiritual dos sacerdotes. Não pensem, porém, que seus pastores sejam peritos ou tenham respostas prontas e soluções concretas para todas as questões que possam surgir. Não é esta a sua missão. Seu papel específico é contribuir com as luzes da sabedoria cristã, fiéis à doutrina do magistério.

Em geral, as soluções se apresentarão como decorrência da visão cristã em determinadas circunstâncias. Muitas vezes acontece que outros cristãos, igualmente sinceros, pensarem de maneira diversa. Mesmo que a solução proposta por uma das partes decorra, aos olhos da maioria, dos mais autênticos princípios evangélicos, não pode pretender a exclusividade, em nome da autoridade da Igreja. Todos devem se empenhar num diálogo de esclarecimento recíproco, segundo as exigências da caridade e do bem comum.

Os leigos que têm responsabilidade na Igreja, estão obrigados a agir, no mundo, de acordo com o espírito cristão, sendo, entre os seres humanos, testemunhas de Cristo.

Bispos encarregados de governar a Igreja de Deus e sacerdotes, puguem de tal forma a mensagem de Cristo que todas as atividades temporais dos fiéis sejam iluminadas pelo Evangelho. Os pastores devem estar conscientes de que seu modo de viver o dia-a-dia é responsável pela imagem que se tem da Igreja e da opinião que se forma a respeito da verdade e da força da mensagem cristã. Pela vida e pela palavra, juntamente com os religiosos e com os fiéis, mostrem que a Igreja, com todos os seus dons, pela sua simples presença, é fonte inexaurível das virtudes de que o mundo de hoje tanto precisa.

Dediquem-se aos estudos, para se tornarem capazes de dialogar com pessoas das mais variadas opiniões, tendo no coração o que diz o concílio: *A humanidade é hoje cada vez mais una, do ponto de vista civil, econômico e social. É preciso pois que os sacerdotes atuem em conjunto, sob a direção dos bispos e do papa, evitando toda a dispersão de forças, para conduzir a humanidade à unidade da família de Deus.*

Graças ao Espírito Santo a Igreja se manterá sempre como esposa fiel a seu Senhor e nunca deixará de ser, no mundo, sinal da salvação. Isto não quer dizer que entre os seus membros, não tenha havido muitos, através dos séculos, que foram infiéis ao Espírito de Deus, tanto clérigos como leigos. Ainda hoje a Igreja não ignora a distância que existe entre a mensagem que anuncia e a fraqueza humana daqueles a quem foi confiado o Evangelho. Devemos tomar conhecimento de tudo que a história registra a respeito dessas infidelidades e condená-las vigorosamente, para que não constituam obstáculo à difusão do Evangelho. Mas a Igreja tem consciência de quanto a experiência da história contribui para amadurecer suas relações com o mundo. Conduzida pelo Espírito Santo, a Igreja, como mãe, *exorta* seus filhos *a se purificarem e a se renovarem, para que o sinal de Cristo brilhe cada vez mais na face da Igreja*".

**Nota:17**

cf. **Santo Domingo, 147-151:** "147. Fenomenologicamente, trata-se de fatos socioculturais protagonizados por setores marginalizados e também camadas médias e abastadas na América Latina, que através de formas religiosas geralmente sincréticas conseguem expressar sua identidade e aspirações humanas. Partindo do ponto de vista da fé católica, esses fenômenos podem ser considerados como sinais dos tempos, e também como advertência de que existem ambientes humanos dos quais a Igreja está ausente e onde deve rearticular sua ação evangelizadora.

Cabe distinguir várias correntes ou tipos de fenômeno:

- formas paracristãs ou semicristãs, como Testemunhas de Jeová e Mórmons. Cada um destes movimentos tem suas características, mas em comum manifestam um proselitismo, um milenarismo e traços organizativos empresariais;
- formas esotéricas que buscam uma iluminação especial e partilham conhecimentos secretos e um ocultismo religioso. Tal é o caso de correntes espiritualistas, rosa-cruzes, gnósticos, teósofos, etc.;
- filosofias e cultos com facetas orientais mas que rapidamente estão adequando-se ao nosso continente, tais como Hare Krishna, a Luz Divina, Ananda Marga e outros, que trazem um misticismo e uma experiência comunal;
- grupos derivados das grandes religiões asiáticas, quer seja do budismo (seicho no iê, etc), do hinduísmo (ioga, etc) ou do islã (baha'i) que não só envolvem migrantes da Ásia, mas plantam raízes em setores de nossa sociedade;
- empresas sociorreligiosas, como a seita Moon ou a Nova Acrópolis, que têm objetivos ideológicos e políticos bem precisos, junto com suas expressões religiosas, levadas a cabo mediante meios de comunicação e campanhas proselitistas, que contam com apoio ou inspiração do primeiro mundo, e que religiosamente insistem na conversão imediata e na cura; é onde estão as chamadas "igrejas eletrônicas";
- uma multidão de centros de "cura divina" ou atendimento aos males espirituais e físicos de gente problemática e pobre. Esses cultos terapêuticos atendem individualmente a seus clientes.

**148.** Diante da multiplicidade de novos movimentos religiosos, com expressões muito diversas entre si, queremos centrar nossa atenção sobre as causas de seu crescimento (cf. Puebla, 1122) e os desafios pastorais que levantam.

**149.** São muitas e variadas as causas que explicam o interesse que despertam em alguns. Entre elas se devem assinalar:



- A permanente e progressiva crise social que suscita certa angústia coletiva, a perda de identidade e o desenraizamento das pessoas.
- A capacidade destes movimentos para adaptar-se às circunstâncias sociais e para satisfazer, momentaneamente algumas necessidades da população. Em tudo isto não deixa de ter certa presença a curiosidade pelo inédito.
- O distanciamento da Igreja de setores - populares ou abastados - que buscam novos canais de expressão religiosa, nos quais não se deve descartar uma evasão dos compromissos da fé. Sua habilidade para oferecer aparente solução aos desejos de "cura" por parte dos atribulados.

#### **Desafios pastorais**

**150.** Nosso maior desafio está em avaliar a ação evangelizadora da Igreja e em determinar a quais ambientes humanos chega ou não essa ação.

- Como dar uma resposta adequada às perguntas que as pessoas se fazem sobre o sentido de sua vida, sobre o sentido da relação com Deus, em meio à permanente e progressiva crise social.
- Adquirir um maior conhecimento das identidades e culturas dos nossos povos.

#### **Linhas pastorais**

**151.** Diante desses desafios propomos as seguintes linhas pastorais:

- Ajudar no discernimento dos problemas da vida à luz da fé. Nesse sentido, é preciso revalorizar o sacramento da penitência e a orientação espiritual.
- Procurar adaptar nossa evangelização e celebrações de fé às culturas e necessidades subjetivas dos fiéis, sem falsear o Evangelho.
- Fazer uma revisão profunda de nosso trabalho pastoral, a fim de melhorar a qualidade de nossos meios e de nosso testemunho.
- Dar um tratamento diferenciado aos movimentos religiosos, segundo sua índole e suas atitudes para com a Igreja".

#### **Nota:18**

cf. **CDC 401, §1:** "O Bispo diocesano, que tiver completado setenta e cinco anos de idade, é solicitado a apresentar a renúncia do ofício ao Sumo Pontífice, que, ponderando todas as circunstâncias, tomará providências".